

Apresentação de *Gato Procura-se*, de Ana Saldanha e Yara Kono

© José António Gomes

IEL-C (Núcleo de Investigação em Estudos Literários e Culturais da ESE do Porto)

Ana Saldanha, a Autora do texto de *Gato Procura-se* (Caminho, 2015), é conhecida de muitos leitores sobretudo pela sua extensa obra de ficção narrativa destinada a pré-adolescentes, adolescentes e jovens adultos, a qual lhe tem valido justo reconhecimento público. No entanto, quase desde o início do seu percurso como criadora literária, manteve um pé noutra zona de interesses que é a do álbum narrativo – ou pelo menos do livro em formato de álbum narrativo –, especialmente vocacionado para um público de pré-leitores ou de leitores debutantes. Nessa área tem produzido uma série de textos breves, belos e desafiadores, de evidente actualidade e de recorte literário – e digo isto porque não é tão comum assim que os textos linguísticos dos álbuns para os mais pequenos sejam textos literários. Desse conjunto são de salientar aqueles que estão na base da parceria com uma reconhecida artista da área da ilustração, Yara Kono, distinguida com o Prémio Nacional de Ilustração 2010, precisamente por um dos mais conseguidos objectos resultantes dessa parceria: *O Papão no Desvão* (2010). De mencionar ainda, desta dupla feliz, os títulos *Eu Só Só Eu* (2011) e *O Tesouro do Palácio* (2012), editados, tal como os outros, pela Caminho, do grupo Leya.

Do mesmo modo que Ana Saldanha tem evidenciado certa ousadia nas temáticas e conflitos que os seus livros para jovens patenteiam, nos álbuns mais destinados a um público infantil – muito embora os livros da Autora nunca deixem de piscar o olho ao mediador adulto –, tal ousadia também marca presença. Ela prende-se com o tratamento de situações de ordem psico-afectiva vividas pelos mais novos e que implicam tensões

emocionais, medos e perdas. No caso de *Gato Procura-se*, trata-se da morte – e curioso é verificar como os felinos desenhados por Yara Kono têm sempre, neste livro, qualquer coisa de divertidamente fantasmático, jogando com a lenda popular dos gatos pretos como origem de azar; assim como, a dada altura, se convoca outra lenda: a das misteriosas sete vidas do gato. (E, já que mencionei o negro, assinalo que, além desta – cujo simbolismo neste livro é evidente –, são cores dominantes na obra o amarelo, o branco sujo e o azul.)

Uma das estratégias discursivas que a Autora por vezes utiliza na abordagem das tensões internas é a da narração na primeira pessoa, favorecendo assim o processo de identificação do leitor com a personagem. No caso em análise, há uma voz infantil que conta esta pequena história, um eu que, estando embora presente, não vemos ou quase não vemos representado directamente nas imagens (a menos que corresponda a um dos meninos da penúltima, mas não me parece), ao passo que o gato de que se fala e que está ausente, porque desapareceu, esse (ou outros seres da mesma espécie) tem a sua presença assegurada, de forma directa ou indirecta, nas ilustrações. Dito de outro modo, instala-se quase um paradoxo que estimula a leitura e que tem o seu quê de engraçado: o gato desaparecido, o leitor quase sempre o encontra figurado nas páginas do livro, ao passo que o discurso do narrador vai insistindo no desaparecimento do animal em registo a roçar a clave lírica, com uma nota dolorosa, mas sem nunca resvalar para a lamechice, antes se mantendo num tom que é um misto de desilusão e de melancolia.

Trazendo à memória, na exploração do geometrismo, referências plásticas associadas quer a certos artistas e cartoonistas das vanguardas históricas europeias quer a ilustradores como Květa Pacovská, sem esquecer os ecos de pintura e design nipónicos, aquilo a que a ilustração alude é às coisas que a criança-narradora imagina a partir do que lhe vão

dizendo pai, mãe, vizinha, avô e avó sobre os (im)prováveis destinos do gato desaparecido – e nesta sequência existe uma linha semântica/emocional gradativa que não tenho tempo de aqui explorar. Exemplifico, citando, por um lado, a sonhadora vizinha (referida numa bela página dupla feita para ser virada e olhada como grande ilustração de orientação vertical) e, por outro lado, a avó, no seu suave espiritualismo de ressonância religiosa: «A vizinha diz que ele é capaz de ter ido à aventura para o circo ou para a selva, para um sítio melhor, um paraíso de gatos, e que talvez volte um dia.» (p. 16); «A avó diz que se calhar foi para o céu, que ele agora tem asas como um anjo ou um pássaro e que deve estar muito feliz. E que não deve voltar.» (pp. 24-25)

O crescente despojamento visual das páginas que separam as várias «explicações» dadas pelos adultos (ouvimo-las em discurso indirecto), nas quais se repete apenas, quase sempre isolada, a patética frase «O meu gato desapareceu.», esse despojamento, dizia, vai contrastar com o conteúdo, vibrante e cheio de colorido, das páginas onde surge representado o imaginado destino do gato (o que não deixa, curiosamente, de lhe incutir uma segunda, terceira, quarta... vida ao nível das ilustrações). Esta estrutura «preenchido»/«despojado» que se repete ao longo do álbum não só confere ritmo à sequência como impõe uma peculiar dinâmica de leitura.

Ainda sobre o trabalho de Yara Kono e sobre as suas constantes, citarei aqui uma passagem do blogue Hipopómatos na Lua, em que se pode ler: «Uma ilustração gráfica, caracterizada pela simplicidade das formas, pela construção de figuras através de manchas de cor, o traço apenas como apontamento e uma paleta de cores bem diversificada, são algumas das características do trabalho desta fabulosa Ilustradora que integra a equipa do Planeta Tangerina» (<http://hipopomatosnalua.blogspot.pt/2013/03/yara-kono.html> (25-3-2013)). Planeta Tangerina que assina, convém lembrar, a concepção gráfica de *Gato Procura-se*, o que dá ao livro certa identidade

em termos de *design*. (E não resisto, a este propósito, a chamar a atenção para outros pormenores que constroem a coerência visual da obra, tais como a rede do tipo papel quadriculado, de conotação escolar, que tanto surge nas guardas como reaparece, mais adiante, já na forma de pavimento de passeio; ou ainda o uso da letra de escantilhão, também ela escolarmente conotada, nomeadamente no título do livro, letra essa retomada depois no pequeno cartaz da p. 30 que, afixado num muro – como tantos outros, hoje, espalhados pelas ruas das nossas cidades – anuncia o desaparecimento do felino e a busca de que é objecto.)

As ilustrações de Yara Kono e a escrita de Ana Saldanha articulam-se de modo conseguido – e motivador da leitura – neste belo livro que familiariza adequadamente a criança com a ideia da morte, da sua inevitabilidade e dos tabus a ela associados, mas sem nunca orientar o leitor para uma visão estritamente materialista, o que merece apreço. E tudo isto se faz, por outro lado, sem jamais se referir a palavra morte e apostando num registo delicado e de tipo eufemístico.

Na sua trabalhada simplicidade, muito vigilante em relação à eufonia do discurso, o texto está imbuído de certa poeticidade que cumpre valorizar (e a própria segmentação versificada do discurso, nas páginas, aponta para isso e marca as suas unidades sintácticas e rítmicas).

Parabéns pois à Caminho por mais esta edição e parabéns à Escritora e à Ilustradora pelo belo objecto que acabam de colocar à disposição das nossas crianças.